



IMAGINAÇÃO, MÚSICA E PRODUÇÃO DE SENTIDOS: ATIVIDADES CRIADORAS EM UM CONTEXTO DE MUSICOTERAPIA COM EDUCADORES

PATRÍCIA Wazlawick¹
Kátia Maheirie²

RESUMO: Relata-se uma experiência em musicoterapia realizada em um encontro da “Oficina de Canções e Sensibilização” com educadoras da Educação Infantil, em escola regular. Foi um trabalho orientado pelo viés da Musicoterapia Centrada na Cultura (Stige), em interface com a perspectiva histórico-cultural da Psicologia (Vygotski). Analisa-se um encontro onde houve o trabalho articulado entre imaginação e atividade criadora na produção coletiva de canções/paródias, com o uso de técnicas musicoterápicas de Re-criação e Composição Musical. Foram atividades criadoras/expressivas em que as educadoras puderam participar sintetizando imaginação, percepção, pensamento, emoções e sentimentos junto às atividades musicais: vivências que permitiram combinações inovadoras diante da compreensão de si, de seus alunos, de suas realidades, e do contexto educacional versando possibilidades de mudanças. É uma proposta de musicoterapia relacionada ao contexto sócio-histórico-cultural de sujeitos em relação, que propicia aos participantes produzirem novos sentidos a si e a suas práticas pedagógicas.

Palavras-chave: musicoterapia centrada na cultura; psicologia histórico-cultural; produção de sentidos.

IMAGINATION, MUSIC AND PRODUCTION OF THE SENSES: CREATIVE ACTIVITIES IN A CONTEXT OF MUSIC THERAPY WITH EDUCATORS

ABSTRACT: We report an experience in music therapy at a meeting held the "Workshop on songs and Awareness" with educators of early childhood education in regular school. This work has been guided by the bias of Culture Centered Music Therapy (Stige), interfaced with the historical and cultural psychology (Vygotsky). It analyzes a meeting where there was the joint work between imagination and creative activity in the collective production of songs / parodies, with the use of music therapy techniques for Re-creation and Musical Composition. Activities were creative / expressive where educators could participate synthesizing imagination, perception, thinking, emotions and feelings with the musical activities: experiences that allowed innovative combinations

¹ Musicoterapeuta, Mestre em Psicologia (UFPR), Doutoranda em Psicologia (UFSC), integrante do NUPRA – Núcleo de Pesquisas em Práticas Sociais e Constituição do Sujeito: Relações Estéticas e Processos de Criação. Educadora musical. E-mail: patriciawazla@gmail.com

² Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia Social (PUC-SP), Professora do Departamento e da Pós-Graduação (mestrado e doutorado) em Psicologia da UFSC. Coordenadora do NUPRA– Núcleo de Pesquisas em Práticas Sociais e Constituição do Sujeito: Relações Estéticas e Processos de Criação. Coordenadora do PPGP-UFSC. E-mail: maheirie@gmail.com



on the understanding of themselves, their students, their backgrounds, and educational context versed possibilities changes. It is a proposal to music therapy related to the socio-cultural-historical subjects regarding which provides the participants produce new meanings to themselves and their teaching.

Key-words: culture centered music therapy; historical and cultural psychology; production of the senses.



INTRODUÇÃO

Este trabalho relata um momento de intervenção musicoterápica realizado em um dos encontros de uma oficina em Musicoterapia³ com um grupo de educadoras da educação infantil, de uma escola regular particular de ensino infantil e fundamental em Curitiba (PR). As atividades tiveram início em maio de 2006, sendo quinzenais, e o encontro aqui discutido ocorreu no mês de dezembro do mesmo ano. Este encontro teve quatro horas de duração, com um breve intervalo, devido a ser o último do ano de 2006.

O trabalho realizado foi designado de “Oficina de Canções e Sensibilização”, orientado pelo viés da Musicoterapia “centrada na cultura” (STIGE, 2002, 2006), em interface com a perspectiva Histórico-Cultural da Psicologia, com os aportes teóricos de Lev S. Vygotski (1999, 2001, 2003).

As práticas de Musicoterapia “centrada na cultura”, tal como as práticas de *Community Music Therapy* vão além do espaço clínico convencional e tradicional de intervenção musicoterápica. Ao articular conceitos de participação e colaboração entre as pessoas envolvidas (ditos clientes e musicoterapeuta), esta perspectiva permite repensar questões atreladas a sujeitos, música(s), saúde e relações. A partir deste ponto se configura uma prática musicoterápica que contempla e envolve o processo participativo das pessoas, suas ações, fazeres, e suas responsabilidades nesses fazeres, orientada para seus recursos e os recursos da comunidade em particular.

A prática da musicoterapia centrada na cultura se encontra amparada em um

processo ecológico⁴, ou seja, onde estão presentes as dimensões sociais, individuais, grupais, de organizações sociais, instituições, focalizado em um contexto histórico, para a prevenção e promoção de saúde. Nesta perspectiva, não se faz “tratamento”, mas por meio de mediações, sejam elas interpessoais e/ou musicais, se permite desenvolver os recursos dos sujeitos para uma nova vida, agora e futura, com promoção de saúde, de bons relacionamentos, rumo à amplitude da afetividade, de novas significações e novas ações.

A oficina de musicoterapia aqui relatada surgiu nessa escola porque havia uma demanda por parte dos professores da educação infantil, conjuntamente à coordenação dessa área de ensino, a desenvolverem-se musicalmente e em aspectos pessoais e interpessoais para as práticas/atividades do dia a dia na escola, incrementando, assim também, a formação continuada dos professores. Além disso, a maioria das professoras acompanhava o trabalho realizado pela professora de música (que também era musicoterapeuta) em aulas e atividades semanais com as turmas de crianças da educação infantil, e documentavam os efetivos resultados provenientes dessas atividades. O trabalho com a oficina de musicoterapia permitia a elas, então, trabalharem aspectos pessoais seus e ao mesmo tempo instrumentalizarem-se para também serem multiplicadoras deste fazer em demais momentos do cotidiano de sala de aula, expandindo muitas atividades para além do tempo que as crianças tinham de atividades musicais propriamente ditas com a professora de música.

Este também foi um trabalho que, em suas atividades musicais na musicoterapia, objetivou criadoramente as músicas, canções e atividades sonoro-musicais presentes nas histórias de relação com a música que cada sujeito estabelece, constrói, vivencia e

³ “Oficina de Canções e Sensibilização em Musicoterapia”, Projeto de Extensão Universitária, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob orientação da Prof^a. Dr^a Kátia Maheirie (Doutora em Psicologia Social), junto à musicoterapeuta Patrícia Wazlawick (Mestre em Psicologia, Doutoranda em Psicologia, UFSC).

⁴ Vide Bruscia (2000), definição do termo “ecológico” em práticas ecológicas na Musicoterapia.



experencia ao longo de sua vida (WAZLAWICK, 2004, 2006).

OBJETIVOS

A oficina realizada em Musicoterapia, a partir da demanda da coordenação da escola, e com foco na formação continuada de educadores, tal como descrito anteriormente, teve os seguintes objetivos propostos e trabalhados:

1) Sensibilizar as educadoras frente às atividades expressivo-criadoras que podem proporcionar com seus alunos, mediadas pelo fazer musical;

2) Focalizar o “cantar” e sua importância nas histórias de vida de cada educadora;

3) Trabalhar com as canções que fizeram parte da “trilha sonora” de vida de cada educadora;

4) Despertar para o “cantar junto” na relação educadora-criança, para proporcionar o desenvolvimento de atividades expressivo-criadoras que pudessem realizar em sala de aula;

5) Trabalhar com momentos de “escuta” de si e do outro;

6) Conhecer a respeito da importância da vivência da música, canções, atividades sonoro-musicais ao longo do processo de constituição das crianças/sujeitos;

7) “Compor”, pelo trabalho em grupo, um repertório de canções e atividades para a prática cotidiana escolar.

Portanto, a partir da necessidade da escola – tal como apresentado anteriormente – não bastaria apenas trabalhar com um repertório musical de forma técnica e objetiva, de modo que as professoras fossem apenas receptoras de vários conhecimentos e atividades musicais. Era necessário trabalhar de modo sensibilizado as atividades e o repertório musical, para despertar nas educadoras, a partir delas e da relação em grupo, a importância das atividades musicais na infância, tendo como foco a atividade criadora no fazer musical de educadores e

alunos, que passa a se refletir como integrante de seus processos de constituição como sujeitos. Dessa forma elas poderiam trabalhar aspectos seus em meio à oficina de musicoterapia, bem como serem e estarem instrumentalizadas para desenvolverem atividades musicais e criadoras com seus alunos.

Estes foram objetivos da oficina de musicoterapia e desenvolvidos ao longo de todo o período de duração da mesma, ao longo de oito meses, de acordo com os encontros e as atividades organizadas para cada encontro e o envolvimento e dinâmica do grupo. Devido à grande quantidade e riqueza de informações coletadas e material escrito pela musicoterapeuta e pelo estagiário, neste trabalho escrito será apresentado apenas um momento de um dos encontros realizados, onde se pode evidenciar articulações entre imaginação, música(s) e produção de sentidos em atividades criadoras na musicoterapia com este grupo de educadoras, que dão espaço ao trabalho de musicoterapia centrada na cultura para a promoção de saúde, das relações humanas interpessoais, da dimensão afetiva e da produção de novos sentidos ao vivido e a objetivação de novas ações e posturas frente à vida.

METODOLOGIA

A oficina realizada teve encontros quinzenais, no período de maio a dezembro de 2006, com um grupo de 20 educadoras. Ocorreu em uma sala de aula ampla, disponibilizada e nas dependências da própria instituição de ensino. Cada encontro teve a duração de duas horas. As participantes foram educadoras da educação infantil, com formação em magistério ou pedagogia, que trabalhavam com crianças desde um até seis anos de idade. A oficina teve caráter prático-vivencial, baseada em vivências e experiências musicais propostas na musicoterapia. Convém lembrar que a musicoterapia é uma ciência e um campo de conhecimento onde, nas aplicações



terapêuticas, todo seu fazer se dá sempre por meio de atividades práticas onde um sujeito ou um grupo vivencia e experencia as chamadas “experiências musicais”, pelas técnicas específicas de improvisação musical livre ou orientada, re-criação musical, composição musical e audição musical (BRUSCIA, 2000).

As atividades vivenciais sonoro-rítmico-musicais e vocais que aconteceram ao longo de cada encontro, envolveram expressão corporal, danças, brincadeiras de roda, cirandas, parlendas, versos e rimas, jogos rítmicos, e a “Re-Criação Musical” de suas músicas e canções, que foram lembradas, cantadas, improvisadas, recriadas. Além disso, as participantes compuseram novas versões e novas canções etambémaprenderam músicas ao som de violão, maracas, cocos, guizos, pandeiros, meia-lua, caxixi, pau-de-chuva, chocalhos, castanholas, afouxé, atabaque, tambores, clavas, ovinhos, entre outros instrumentos musicais.

Os encontros envolveram a presença de uma profissional musicoterapeuta, um estudante do último ano da graduação em Musicoterapia, e o grupo formado por 20 educadoras. Os encontros foram todos orientados pelos objetivos previamente organizados, tais como apresentados anteriormente, sendo que todos eles foram contemplados com o acontecer da oficina. Além disso, cada movimentação do grupo de educadoras, assim como de cada participante em particular também eram consideradas e variavam, alteravam, ampliavam e/ou modificavam o acontecer do próprio processo do trabalho. Pois a oficina era realizada tendo como foco principal o trabalho com as educadoras e para as educadoras. A profissional musicoterapeuta e o estagiário sempre conversavam, discutiam e refletiam antes e depois de cada encontro, para registrá-los, prepará-los e analisá-los. Também foram realizados *feedbacks* à coordenação da educação infantil, que era uma profissional grande incentivadora do projeto.

Utilizou-se a pesquisa-ação no desenvolvimento deste trabalho. A pesquisa-ação é uma metodologia que se constitui de ação, intervenção e pesquisa junto a um grupo, por exemplo, que incentiva, paralelamente a seu acontecer, o conhecimento e as capacidades de iniciativa e de mudanças de seus integrantes. A pesquisa-ação é, dessa forma, composta por vários atos de trabalho sobre uma realidade objetiva. Enfim, esta metodologia “busca superar, essencialmente, a separação entre conhecimento e ação, buscando realizar a prática de conhecer para atuar” (GAMBOA, 1982, p. 36), e devido a esta atuação, (trans)formar. Cada encontro foi registrado com áudio-gravação em fitas k-7, para posterior transcrição e análise dos materiais verbais e expressões sonoro-musicais. A musicoterapeuta compôs um diário de campo, com anotações referentes a cada encontro. Os eixos norteadores da observação diziam respeito às atividades realizadas em cada encontro e a forma de participação, interação e produção musical de cada participante, de acordo com os eixos norteadores da ficha musicoterápica de avaliação proposta por Barcellos (1999).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No encontro que será aqui analisado, datado de dezembro/2006, estiveram presentes 18 educadoras, além da musicoterapeuta e do estagiário. Neste dia teve quatro horas de duração, com um breve intervalo, pois seria o último encontro do ano.

Este encontro teve como temática “o ser professora e a imaginação criadora”. Dessa forma, a “tônica”⁵ esteve sobre os

⁵ O termo “tônica”, em música, significa: o primeiro grau de uma escala diatônica qualquer; a nota que dá o seu nome ao tom sobre o qual se constrói essa escala; num acorde, a nota fundamental. E ainda: o ponto a que se dá maior realce, em que se insiste mais, no tratamento ou debate de um tema, de um problema, de um assunto qualquer (DICIONÁRIO



seguintes questionamentos: “como podemos criar o novo?”, “como podemos fazer as mesmas coisas de formas diferentes?”, “como podemos (re)criar a nós mesmos enquanto sujeitos/profissionais?”

O encontro começou com um aquecimento – momento de predispor para a atividade, com movimentação corporal no espaço da sala e música instrumental. A música utilizada para audição foi uma versão de “Escravos de Jó”, do cancionário popular infantil brasileiro, tocada em violão e ritmo de bossa-nova. Após o aquecimento, sentamos em círculo no chão e cantamos e “jogamos” rítmica e musicalmente, fazendo uso de latinhas vazias, a canção “Escravos de Jó”, empregando algumas variações e (re)combinando andamentos, timbres e intensidade de voz, silêncio, *boca-chiusa*⁶, e coordenação-motora.

No momento seguinte trabalhamos com a história “Uma professora muito maluquinha”, do escritor brasileiro Ziraldo (1995). A história foi narrada/contada pelas vozes das próprias professoras, pois cada uma lia uma página e passava adiante. Amparadas na experiência de uma investigação desenvolvida na UFSC (MAHEIRIE *et al.*, 2006) – que utilizou a mesma história em um dos encontros das oficinas de formação continuada de professores e atividades estéticas -, ao término da história iniciamos um diálogo a respeito do “ser professora”, de seus momentos históricos de constituição como educadoras, de seu trabalho, do construir-se a professora “que se é” e da professora “que se quer ser”, e da presença da imaginação e atividade criadora (VYGOTSKI, 1930/2003) em suas práticas cotidianas na escola.

AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, versão eletrônica).

⁶ *Boca chiusa*: “com a boca fechada – indicação para os cantores vocalizarem sem palavras, mantendo os lábios cerrados, mas os dentes ligeiramente afastados. Esse recurso tem sido muito usado por compositores contemporâneos para produzir efeitos novos em suas obras [italiano]” (ISAACS; MARTIN, 1981, p. 47).

Após o diálogo e reflexão, com uso da técnica de “Re-Criação Musical”⁷, as professoras foram solicitadas a cantar e brincar, da forma como aprenderam e brincavam na infância, a canção “Atirei o pau no gato”⁸. Brincamos e cantamos juntos algumas vezes, com as variações que cada uma sabia e fazia, caindo no chão, naquele típico final já conhecido. A musicoterapeuta, então, perguntou a elas se haveriam outras formas de cantar/brincar/dançar esta canção. Ficaram em silêncio, pensando, quando sugerimos a escuta de alguém que ousou fazer/compor uma nova roupagem musical para esta música/canção. Ouvimos a versão de “Músicas daqui, ritmos do mundo”⁹, de “Atirei o pau no gato” em *blues*. Em meio a solos de gaita harmônica que inauguram a música e convidam para o *blues*, solos e acompanhamento de violão e guitarra, baixo e bateria, e da voz de um típico “bluseiro”, a partir da audição/escuta, aos poucos os corpos foram atravessados pelas ondas rítmicas, melódicas e harmônicas desta nova possibilidade musical do acontecer “Atirei o pau no gato”, e convidados a existirem ali cantando e dançando neste novo fazer corpóreo-vocal-musical. Os rostos desenhavam desde estranhamentos e

⁷ “Re-Criação Musical” é uma técnica utilizada na Musicoterapia. “Quando uma pessoa canta, no *setting* musicoterapêutico, ele ou ela não reproduz simplesmente a canção, mas se apropria dela. A canção torna-se sua, passível de improvisos: recriação. Utilizada como uma atividade projetiva, a canção toma uma nova forma, instantânea, produzida ali pelo indivíduo ou pelo grupo, não é possível de ser repetida, é única (...). A canção popular torna-se viva, re-criada, improvisada tanto pelo cliente como pela musicalidade clínica do musicoterapeuta que irá perceber novos sentidos e novas possibilidades de encaminhamentos musicais na conhecida canção popular” (CHAGAS, 2001, p. 122).

⁸ Do cancionário popular brasileiro.

⁹ CD intitulado “Músicas daqui, ritmos do mundo”, do trabalho da “Fábrica Livros e Brinquedos”, de Silvia Prado, Zezinho Mutarelli, Gilles Eduar.



curiosidades iniciais, até alegria e prazer ao entrar e permitir-se ser e viver aquela música. Possivelmente esse estranhamento advinha da novidade sonoro-rítmico-musical apresentada por ouvirem a tradicional canção do cancionero folclórico infantil brasileiro – Atirei o pau no gato – cantada e tocada em ritmo de *blues*. Ou seja, esta é um pequeno exemplo de inovação em uma partícula do cotidiano (como diz Vygotski, 2003), com o qual nosso olhar e escuta rotineiros não estão habituados. Por isso o estranhamento, isto é, a (re)criação sonoro-musical desta canção rompia com o imediato, com o corriqueiro e já previamente estabelecido em relação à música.

Com a mesma proposta, a próxima música re-criada da forma já sabida pelo grupo, foi “Pirulito que bate-bate”¹⁰. Cantaram e em duplas percutiram mãos com mãos, e também trocaram de par algumas vezes. Mas, uma das combinações rítmico-musicais inovadoras do grupo que confeccionou o CD, (re)criou esta canção que começava com sonoridades árabes e falações, e aos poucos se ouvia percussão de tambores e tabla marroquina, junto a palmas, pandeiros, flautas, assobios, cordas, e inflexões e vocalizes sonoros de um sotaque meio árabe, em movimentos dançantes de dança-do-ventre. As educadoras permaneceram ouvindo por um tempo maior, corpo parado, quando algumas não hesitaram e começaram a mover-se, dançando devagar, batendo palmas, e por meio do movimento corporal e de olhares convidavam as demais a também vivenciarem aquela música. No final, o grupo todo movia o corpo, cantava, assobiava, batia palmas, dançava em rodas/círculos menores e maiores, dando ver a dialética de querer dançar e deixar-levar pela música ao passo de hesitar em se expressar, ou censurar-se. Porém, de suas formas, re-criaram esta (re)criação de “Pirulito que bate-bate”.

Após um breve intervalo, sugerimos que ficassem com a lembrança/sensação/memória das recombinações que vivenciaram e experienciaram musicalmente e, antes de ler/narrar a elas a história da “Águia que (quase) virou galinha”, de autoria Rubem Alves¹¹, sugerimos que andassem pela sala e em passos e movimentos silenciosos e lessem as frases nos papéis colados nas paredes. Lá estavam alguns pensamentos objetivados de Lev S. Vygotski (1930/2003), que dizem assim:

“El caso más frecuente es que caiga la imaginación creadora. Sólo las imaginaciones superdotadas constituyen una excepción, la mayoría van entrando poco a poco en la prosa de la vida diaria, entierran los sueños juveniles, hacen del amor una quimera, etc., etc. Se trata, sin embargo, de mera regresión, no de aniquilamiento, pues la imaginación creadora no desaparece totalmente en nadie, pero se manifiesta solo de cuando em cuando” (p. 43).

“O caso mais frequente é que a imaginação criadora diminua. Somente as imaginações superdotadas constituem uma exceção, a maioria vai entrando pouco a pouco na prosa da vida diária, enterram seus sonhos juvenis, fazem do amor uma quimera, etc. Trata-se, sem dúvida, de mera regressão, não de aniquilamento, pois a imaginação criadora não desaparece totalmente em ninguém, porém se manifesta somente de vez em quando” (VYGOTSKI, 2003, p. 43 – tradução livre).

“Efectivamente, allí donde se mantenga siquiera una ínfima parte de vida creadora, hay imaginación” (p. 43).

“Efetivamente, ali onde se mantém pelo menos uma ínfima parte de vida

¹⁰ Canção que também faz parte do cancionero popular brasileiro.

¹¹ “A águia que (quase) virou galinha”, contada por Rubem Alves, em Yozo, R. 100 jogos para grupos. 3. ed. São Paulo: Agora, 1996.



criadora, existe imaginação” (VYGOTSKI, 2003, p. 43 – tradução livre).

“La propia ciencia, por lo menos la ciencia natural, no es posible sin imaginación” (p. 45).

“A própria ciência, pelo menos a ciência natural, não é possível sem imaginação” (VYGOTSKI, 2003, p. 45 – tradução livre).

“Los niños pueden imaginarse muchas menos cosas que los adultos, pero creen más en los frutos de su fantasía y la controlan menos, y por eso la imaginación en el sentido vulgar, corriente de la palabra, o sea, algo inexistente, somado, es mayor en el niño que en el adulto” (p. 42).

“As crianças podem imaginar menos que os adultos, porém acreditam mais nos frutos de sua fantasia e a controlam menos, e por isso a imaginação em sentido corrente da palavra, ou seja, algo inexistente, é maior na criança que no adulto” (VYGOTSKI, 2003, p. 42 – tradução livre).

“Imaginación és, ‘según la atinada expresión de Malebranches, niño travieso que pone en desorden la casa’” (p. 45).

“Imaginação é, ‘segundo a atinada expressão de Malebranches: criança travessa que põem em desordem a cada’” (VYGOTSKI, 2003, p. 45 – tradução livre).

De nossa autoria também trazíamos algumas frases:

“A atividade criadora depende do talento?”

“Imaginação criadora e atividade criadora: sentir, pensar e fazer!”

Os motivos verbais narrados ao som das vozes da musicoterapeuta e do estagiário, pela trama da história da “águia”, configuraram-se motivos orientadores para que, em grupo de 4-5 pessoas, discutissem e compusessem, da forma como desejassem, uma música ou uma canção, podendo fazer uso dos instrumentos musicais disponíveis ali, conforme listados anteriormente.

Inicialmente percebemos um momento de certa inércia em cada grupo. Comentários como “é difícil”, “o quê fazer?”, rostos pensativos, e até uma certa falta de vontade foram visíveis. Gradualmente as educadoras se colocavam em movimento, escrevendo letras em uma folha branca, sugerindo, riscando e re-escrevendo, cantarolando uma linha melódica em baixa intensidade de voz, se aproximando dos instrumentos musicais, escolhendo-os, experimentando-os, compondo, parodiando, recomeçando, negociando palavras, letras e música, rindo, achando que não estava bom, ou “*perai, é isso aí mesmo*”, ensaiando, até dar um acabamento.

Estavam trabalhando com a mediação da técnica musicoterápica de “Composição Musical”. Enfim, de/em um trabalho coletivo, objetivaram suas subjetividades (MAHEIRIE, 2001, 2002, 2003), produzindo, construindo e tornando audível suas presenças e sentidos outros para este fazer, (re)combinando elementos de realidade em novas versões, novos arranjos, agora materializados em canções, isto é, em letras, músicas e prosas. E o que todos ouvimos, ao apresentarem cantando e tocando arranjos rítmicos em instrumentos musicais foi

*“Voar, voar, subir, subir
Ir pra onde for, descer até o céu cair
Ir além da imaginação
Sonhar, sonhar, acreditar
Que um dia chegará, o momento onde
eu irei voar além do horizonte azul, do
horizonte azul”*



(M., N., E., C.) – Título:
“Acreditar”¹²

“Esta história que foi criada não é minha, é de um cara chamado Rubem Alves. Era uma vez uma águia que virou galinha, pois ela foi criada num galinheiro. ||: Ciscando, ciscando, picando, picando, có, có, có, ri, có... :|| E as poucas lembranças foram se apagando até que um dia desses, num desses encontros casuais, aparecia um homem que vivera nas montanhas, apreciando as águias voarem, enfim, mostrou que ela era capaz de voar. Nisso tudo descobri que galinha não sou não, sou algo, algo a mais, eu caçador de mim. Valeu a pena êh, êh, valeu a pena êh, êh, valeu a pena.

Valeu a pena!”

(C., L., M., S.) – Título: “O Caçador”¹³

“Eu preciso saber voar, eu preciso saber voar,
Aprender crescer e não limitar
Acreditar que um novo dia virá
É preciso saber viver, é preciso saber viver,
Obstáculos no caminho você pode encontrar, mas nunca é tarde para recomeçar”
(1ª versão – rascunho)
“Obstáculos no caminho você pode encontrar
Mas nunca é tarde para recomeçar
Aprender a crescer e não limitar
Acreditar que um novo dia será

¹² Paródia da canção brasileira “Sonho de Ícaro”, de André Leono.

¹³ Começa com uma narrativa em forma de rap. Na parte do “có, có, ri, có” remetem-se à melodia da canção “Cocoricó”, Hélio Ziskind (músico compositor brasileiro). Volta narrativa de rap e melodia da canção “Prá ser sincero”, Engenheiros do Hawaii (banda de rock brasileira). Retoma narrativa de rap e melodia de “Caçador de mim”, Milton Nascimento (músico compositor brasileiro) para finalizar com melodia de “Pescador de Ilusões”, de O Rappa (banda brasileira). Este grupo fez um trabalho de “Colagem de Canções” (BRUSCIA, 2000).

Eu preciso saber voar, eu preciso saber voar”

(versão final, A., V., A., H., M.) –

Título: “Eu preciso saber voar”¹⁴

“Lá em cima daquela montanha
Tinha uma águia que dava dó
Não sabia se voava ou fazia có có ri có... (primeira versão)

A professora hoje em dia não sabe o que fazer

Não deixa a sua imaginação aparecer
Acredita que copiando dos outros vai aprender

E o seu potencial deixa de aparecer
Deixa disso e vai crescer e mostre tudo o que você sabe fazer

Sem ter medo de desenvolver

Deixando florescer

Todo o aprendizado que existe dentro de você”

(M., R., D., S., L.) – Título:

“Descubra o que tem dentro de você”¹⁵

Estas produções musicais realizadas coletivamente, e próprias de cada uma das educadoras que ali estiveram presentes, carregavam suas marcas, suas presenças, motivações, dimensões afetivo-volitivas, pensamentos e saberes, pois estavam narrando de modo cantado e musicado percepções e compreensões suas acerca das possibilidades criadoras que têm de transformar a realidade. Este aspecto pode ser observado, por exemplo, no verso: “Aprender crescer e não limitar / Acreditar que um novo dia virá / É preciso saber viver, é preciso saber viver”, onde sonorizam verbal e musicalmente que algo as impulsiona a crescer, a ir adiante, desenvolver-se como pessoa, não passando por cima das limitações ou mesmo detendo-se nelas, mas lidando com elas. “Um novo dia

¹⁴ Paródia com melodia da canção “É preciso saber viver”, de Roberto Carlos (músico compositor brasileiro).

¹⁵ Canção em ritmo de rap, cantada por uma das integrantes, enquanto as demais faziam o ritmo com estalidos de dedos.



virá” não necessariamente remete ao aspecto da esperança, pois caso fique-se preso à ela, muitas vezes não se faz nada, ou seja, apenas se acredita que algo mudará. No entanto, pela forma como agiam durante a atividade e em muitos outros momentos dos encontros da oficina pode-se observar que ‘o novo dia’ deste verso remete-se à novidade da vida possível e que se apresenta a elas a partir de seu fazer, de seu agir, pois é na ação que o sujeito se constrói e (re)cria possibilidades de vida. Tudo isto tem a ver com “é preciso saber viver”, ou seja, a vida pode ser mais do que aquilo que se apresenta rotineiramente a nós, é preciso saber como viver, e isto é tarefa de cada ser humano.

Percebemos que são objetivações rítmico-musicais onde assumiram a possibilidade de construir novos sentidos¹⁶ para si e suas práticas pedagógicas. Num movimento de confrontar-se com seus modos de agir, com conformismos, trabalhos repetitivos e de reprodução, viram-se como sujeitos capazes de criar, sujeitos capazes de trabalhar com a imaginação criadora e objetivar um produto, cujo processo se constrói e (re)constrói novas possibilidades de ser e de fazer.

As pequenas produções sonoro-musicais objetivadas pelas educadoras neste encontro da oficina de musicoterapia demonstraram o modo criador como reagiram, comportaram-se e lidaram frente à tarefa proposta a elas musicalmente. Isto pode ser percebido nas atividades vivencias na musicoterapia, durante seu acontecer, pois sendo a musicoterapia uma forma de trabalho terapêutico que se vale da experiência do sujeito junto à música, ao fazer musical e as atividades musicais, sempre envolve o fazer e o agir dos sujeitos na elaboração e resolução de “tarefas” sonoro-rítmico-musicais e corporais de modo integrado.

¹⁶ Sentidos: são os significados singulares construídos pelos sujeitos, a respeito de suas vivências e experiências, sempre em movimentos dialógicos. Ver Vygotski (1992), Wazlawick (2004, 2006), Wazlawick et al. (2007).

As educadoras se lançaram à tarefa de re-criar canções e músicas. Para isto, mesmo sem terem conhecimento e estudo formal em música, propriamente dito, elas selecionaram uma canção conhecida (cada grupo), para (re)criá-la e/ou para produzir uma paródia. A partir daí modificaram as letras das canções já conhecidas imprimindo nelas (nas novas canções) versos musicados que diziam/cantavam de si, de suas situações como pessoas e profissionais educadoras, um pouco do que vivem, um pouco do que desejam, dificuldades e possibilidades de mudanças. Ensaíram cantando os novos versos produzidos, em grupo, articulando, combinando e afinando vozes diferenciadas. Este ponto é importante pois em alguns encontros do início da oficina, muitas delas participavam das atividades de musicoterapia sem nem mesmo abrir a boca para cantar canções conhecidas, ou suas vozes saíam muito fracas, quase inaudíveis. Neste momento do encontro, ao apresentarem suas canções às demais (ao grupo) todas cantavam de modo intenso e envolvido no fazer musical.

Outro aspecto importante a destacar é que todas as canções não foram apenas cantadas, mas acompanhadas de percussão musical com vários instrumentos de percussão que tinham à disposição. Nenhuma das educadoras era musicista ou sabia tocar um instrumento musical, porém marcando o pulso rítmico em cada um dos instrumentos de percussão que escolheram para tocar mantiveram o andamento de suas canções, e algumas delas até se aventuraram a criar outras células rítmicas que remetiam ao gênero musical das canções apresentadas. Todo este fazer se torna difícil de ser explicado em palavras, ou seja, muitas vezes é difícil “transcrever” de modo direto a experiência e o acontecimento musical, porque justamente é da ordem do acontecimento, como explica Bakhtin (2003), porém era compreensível e visível o esforço, dedicação e vontade que empenharam em “resolver” a tarefa musical: re-criar canções



fazendo-se audíveis nas ondas sonoras das mesmas. Naquele momento as educadoras inovaram musicalmente e (re)criaram suas capacidades, muitas vezes nem sequer imaginadas. Na musicoterapia entende-se que quando um sujeito inova e cria musicalmente, no fazer musical propriamente dito, estas mesmas ações podem se estender para áreas não-musicais de sua vida, de modo que ele pode, por seu agir/fazer encontrar e produzir novos modos de se relacionar, de compreender a si mesmo, de agir, de compreender as situações que se apresentam à ele, enfim, modificar aspectos importantes de sua vida sendo um sujeito protagonista responsável por sua vida.

Nesta atividade musicoterápica, as técnicas de “Re-Criação” e “Composição Musical” foram mediadoras nas vias de possibilidade de construção de novos sentidos, sentidos outros, na busca de ressignificarem o papel de educador e se assumirem como protagonistas de suas ações singulares e coletivas. O papel de educador começa a ser observado, evidenciado questionado e (re)criado junto às atividades realizadas nos encontros da oficina, principalmente também com a discussão que se seguiu à leitura e trabalho com a história do livro de Ziraldo, sobre a professora muito maluquinha. Além disso, o começar a observar-se como sujeitos criadores de novas possibilidades de objetivações e novas formas de realizar e resolver tarefas, de modo mais (in)tensamente responsivo e criador as remeteu à assumirem-se como sujeitos responsáveis pelas ações de seu dia a dia, e sujeitos que inovam em suas práticas. Ou seja, educadores ativos e inovadores, e não apenas que reproduzem práticas cristalizadas em seu ofício. Pois: *“A professora hoje em dia não sabe o que fazer / Não deixa a sua imaginação aparecer / Acredita que copiando dos outros vai aprender / E o seu potencial deixa de aparecer / Deixa disso e vai crescer e mostre tudo o que você sabe fazer / Sem ter medo de desenvolver / Deixando florescer /*

Todo o aprendizado que existe dentro de você”.

Por meio desta atividade, abriram-se caminhos para elas construírem novos olhares e formas de lidar com a realidade – uma realidade sempre polissêmica e multifacetada, possibilitando ações e formas variadas de se pensar sobre elas. Tal processo envolve um movimento de sentir, pensar e agir, de modo a demarcar (re)combinações num fazer que dá espaço a atividades criadoras, à reflexão sobre estas atividades, e a superação de limitações do cotidiano.. Percebemos, tal como verbalizado pelas educadoras que não estava ocorrendo uma “revolução” no cotidiano educacional, e é importante este aspecto, pois este não era o escopo da oficina. No entanto, pelas inúmeras pequenas ações que elas passaram a realizar, a implementar e a assumir consigo mesmas e na sala de aula, começando com o aspecto de compreenderem-se como sujeitos criadores, muitos resultados estavam nascendo e caminhando para conduzir ações e transformações no cotidiano educacional que circunscreve as relações educadoras-alunos, e destes com o contexto maior da escola.

Por meio das composições musicais objetivadas, podemos perceber que as educadoras “ouviram-se” e depararam-se com o fato de que são capazes de criar, ampliando suas percepções sobre aquilo que vivenciam e experenciam. Também refletiram criticamente sobre como praticam suas atividades, e que sentido dão, não apenas as atividades musicais no cotidiano da escola, mas as demais atividades que realizam e as inovações frente a estes fazeres.

No que tange à compreensão junto ao trabalho de produção de sentidos na Musicoterapia a partir das técnicas utilizadas, remetemo-nos, primeiramente, à “Re-Criação Musical”. De acordo com Bruscia, “re-criativo é um termo mais abrangente que inclui executar, reproduzir, transformar e interpretar qualquer parte ou o todo de um modelo musical existente, com ou sem uma



audiência” (2000, p. 126). Alguns dos objetivos descritos pelo autor, nesta técnica, e que estão de acordo com o momento experienciado por este grupo são: “desenvolver habilidades de interpretação e comunicação de idéias e de sentimentos”, “melhorar as habilidades interativas e de grupo” (BRUSCIA, 2000, p. 126).

As experiências re-criativas, conforme pontua Bruscia, são indicadas para “clientes que precisam entender e se adaptar às idéias e sentimentos dos outros preservando suas próprias identidades, assim como clientes que precisam trabalhar juntamente com outras pessoas visando a objetivos comuns” (2000, p. 126-127). Dessa forma, as experiências re-criativas em musicoterapia se aplicaram em muitos encontros da oficina realizada, e neste que aqui é apresentado, uma vez que diz respeito a permitirem (a produção sonoro-musical e de letras de canções) o negociar sentidos no contexto escolar, atuando o papel de educadoras que são sujeitos capazes de (re)criar situações e inovar suas práticas. Um contexto que é sempre coletivo, que demanda ação não isolada, mas de cada educador em conjunto com os demais, sendo que com esta nova postura frente ao contexto podem ter uma intensificação e ampliação de suas capacidades criadoras.

A técnica de “Composição Musical” envolve escrever canções, letras ou peças instrumentais, ou criar qualquer tipo de produto musical, com ou sem a ajuda do terapeuta. O cliente trabalha segundo sua capacidade musical e de acordo com seu momento histórico. Dos objetivos desta técnica, descritos por Bruscia (2000), destacamos todos, uma vez que estão em inteira concordância com o momento experienciado pelo grupo de educadoras:

- “Desenvolver habilidade de planejamento e organização;
- Desenvolver habilidades para solucionar problemas de forma criativa;

- Promover a auto-responsabilidade;

- Desenvolver a habilidade de documentar e comunicar experiências internas;

- Promover a exploração de temas terapêuticos através das letras das canções;

- Desenvolver a habilidade de integrar e sintetizar partes em um todo” (BRUSCIA, 2000, p. 128).

Podemos observar os objetivos desta técnica estiveram em concordância com o desenvolvimento dos objetivos propostos na oficina de musicoterapia com o grupo de educadoras. O aspecto de buscar promover a responsabilidade como sujeito criador que é um dos aspectos a ser desenvolvido por esta técnica musicoterápica esteve no centro do objetivo principal desta oficina. Ao conduzir e acompanhar a oficina desde seu início observamos que em muitos momentos havia a demanda no grupo, em relação à instrumentalização no fazer musical – tendo em vista que trabalhávamos também com a formação continuada por meio das atividades musicais – de receber as ideias e sugestões de atividades musicais que poderiam realizar com seus alunos todas de imediato e prontas. Com o desenrolar dos encontros, e como objetivo principal da oficina, elas passaram a compreenderem-se como sujeitos criadores, capazes de inovar, aprimorar e qualificar em cada uma de suas atividades como educadoras, tendo a postura não apenas de reproduzir conhecimentos e atividades, mas de questioná-los, refletir sobre eles, repensá-los, construí-los, reformá-los e transformá-los – isto é visível também por meio da re-criação musical implementada em cada uma das canções aqui apresentadas. Inovando no fazer musical – entre ritmo, melodia, harmonia, letra e canto, de modo criativo – é um indício que o sujeito está disposto e pode engajar-se em modificações em demais áreas importantes de sua vida, porém deve-se colocar no permanente exercício e postura de continuar aprendendo e inovando em sua



vida, a cada mínima ação do cotidiano. A vida, de um modo geral e em seus amplos aspectos de questionamento da existência pode ser encarada como uma tarefa a ser resolvida (e vivida) de forma criativa.

Sendo assim, as educadoras, em trabalho coletivo, veicularam a produção de novos sentidos aos seus fazeres no processo de ensinar-aprender, que podem ser permeados por posturas que enfatizem suas atividades criadoras, ao trabalharem com “Paródias de Canções”, “Escrever Canções” e “Colagens de Canções”¹⁷ (BRUSCIA, 2000), uma vez que estas técnicas articulam-se à temática maior da técnica de Re-Criação Musical na musicoterapia. Os novos sentidos produzidos se fizeram matéria musical e verbal nos recados que enformam as letras de suas canções, e foram objetivados por meio de trabalhos com a imaginação e a atividade criadora.

Um dos grupos, ao ir além da criação de paródias, optou por escrever uma canção, criando versos, isto é, criaram letra e música, compuseram uma letra e uma melodia, conforme já apresentado. A produção de sentidos ao vivido aqui faz um amálgama que articula construção de sentidos/significados singulares – conteúdo e forma (musical). E a pequena canção produzida *fala* por si mesma: “*Lá em cima daquela montanha / Tinha uma águia que dava dó / Não sabia se*

voava ou fazia có có ri có... A professora hoje em dia não sabe o que fazer / Não deixa a sua imaginação aparecer / Acredita que copiando dos outros vai aprender / E o seu potencial deixa de aparecer / Deixa disso e vai crescer e mostre tudo o que você sabe fazer / Sem ter medo de desenvolver / Deixando florescer / Todo o aprendizado que existe dentro de você” (sic.).

Neste ponto as educadoras elaboram, compõem, cantam, ouvem em si e para si mesmas a sonoridade daquilo que compuseram, ou seja, tornam audível para si mesmas, dando voz a si mesmas e aos seus desejos e vontades, aquilo a o que se lançam a fazer: crescer, se desenvolver como pessoas e como profissionais, em meio ao trabalho com imaginação, percepção, memória, pensamentos e dimensão afetiva (emoções e sentimentos) que a atividade musical permite e incentiva acontecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A música é um fazer, é uma produção humana que permite acessar e despertar a dimensão do sensível, da imaginação, da percepção, da afetividade (sentimento e emoção), e da reflexão, tendo em vista que o ser humano pode construir a sensibilidade, e construí-la por meio de atividades mediadas pela dimensão musical. A música, como uma linguagem reflexivo-afetiva (MAHEIRIE, 2001), permite produzir novas formas de entendermos a nós mesmos e ao mundo, tal como foi possível verificar nos momentos do encontro musicoterápico relatado.

Os momentos vividos e experienciados nesta oficina, neste formato de Musicoterapia centrada na cultura, foi um convite para as educadoras repensarem suas práticas a partir de um *novo olhar* e de uma *nova escuta*. Permitiu vivenciarem-se musicalmente e, a partir da experiência, construírem novos sentidos a si, como grupo e a suas práticas profissionais, com possibilidades de (re)criarem e (re)inventarem sua prática pedagógica, fazendo-se agentes de

¹⁷ “‘Paródias de Canções’: o cliente substitui palavras, frases, ou a letra inteira de uma canção existente, enquanto mantém a melodia e o acompanhamento originais. ‘Escrever Canções’: o cliente compõe uma canção original ou parte de uma canção (por exemplo, a melodia, a letra ou o acompanhamento) com diferentes níveis de assistência técnica do terapeuta. O processo inclui alguma forma de notação ou registro do produto final. ‘Colagens Musicais’: o cliente escolhe sons, canções, músicas e fragmentos delas e os coloca em seqüência para produzir um registro que explore questões autobiográficas ou terapêuticas” (BRUSCIA, 2000, p. 128).



novas ações – ações estas que implementam ética, estética e cognição na existência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. Cadernos de Musicoterapia 4. Etapas do processo musicoterápico ou para uma metodologia de Musicoterapia. Rio de Janeiro: Enelivros, 1999.

BRUSCIA, Kenneth E. *Definindo Musicoterapia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

CHAGAS, Marly. Cantar é mover o som. In: FÓRUM PARANAENSE DE MUSICOTERAPIA, ENCONTRO PARANAENSE DE MUSICOTERAPIA E II ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MUSICOTERAPIA, 3., 2001, Curitiba. *Anais...* Curitiba: AMT-PR, 2001. p. 119-122.

GAMBOA, Silvio A. S. *Análise epistemológica dos métodos na pesquisa educacional: um estudo sobre as dissertações de mestrado em educação da UnB*. Brasília: Faculdade de Educação UnB, 1982.

MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. *Interações*, Florianópolis, v. VII, n.13, p. 31-44, jan.-jun. 2002.

MAHEIRIE, Kátia. Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotsky. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, n. 02, p. 147-153. 2003.

MAHEIRIE, Kátia. *Sete mares numa ilha: a mediação do trabalho acústico na construção da identidade coletiva*. São Paulo. 2001. [Tese]. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MAHEIRIE, Kátia; ZANELLA, Andréa V.; DA ROS, Silvia Z.; URNAU, Lilian C.; TITON, Andréia P.; WERNER, Francyne W.; CABRAL, Marcelo G.; VITÓRIO, Michelle; SANDER, Lucilene. O desenho de uma proposta de formação continuada de professores com oficinas estéticas. In: MAHEIRIE, Kátia; ZANELLA, Andréa V.; DA ROS, Silvia Z. (Orgs.). *Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência*. Florianópolis: UFSC-Núcleo de Publicações, 2006. p. 239-254.

STIGE, Brynjulf. *Community Music Therapy: exemplos, origens, influências e definição*. Curso ministrado durante o XII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia, VI Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia e II Encontro Nacional de Docência em Musicoterapia. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006.

STIGE, Brynjulf. *Cultured-centered Music Therapy*. Gislum: Barcelona Publishers, 2002.

VYGOTSKI, Lev S. Arte e vida. In: Vygotski, Lev S. *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 303-329.

VYGOTSKI, Lev S. Educação Estética. In: Vygotski, Lev S. *Psicologia pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 323-363.

VYGOTSKI, Lev S. *La imaginación y el arte en la infancia*. 6. ed. Madrid: Ediciones AKAL, 2003.

VYGOTSKI, Lev S. Pensamiento y palabra. In: Vygotski, Lev S. *Obras Escogidas II*. Madrid: Visor Distribuciones, 1992.

WAZLAWICK, Patrícia. *Quando a música entra em ressonância com as emoções: significados e sentidos na narrativa de jovens estudantes de Musicoterapia*. Curitiba. 2004. [Dissertação]. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Paraná.

WAZLAWICK, Patrícia. Vivências em contexto coletivos e singulares onde a música entra em ressonância com as emoções.



Psicologia Argumento, Curitiba, 24(47), p. 73-83, out./dez. 2006.

WAZLAWICK, Patrícia; CAMARGO, Denise; MAHEIRIE, Kátia. Significados e sentidos da música: uma breve “composição” a partir da Psicologia Histórico-Cultural. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 12, n. 1, p. 105-113, jan./abr. 2007.

ISAACS, Alan; MARTIN, Elizabeth (Orgs.). *Dicionário de Música Zahar*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

ZIRALDO. Ziraldo Alves Pinto. *Uma professora muito maluquinha*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1995.